

Danos colaterais da contemporaneidade



O TRANSITÓRIO, A MORTALIDADE

E O INEVITÁVEL na condição humana são agentes essenciais na configuração das *vanitas*, gênero da pintura europeia iniciado no século XVII. Esta mediação entre a vida e a morte é reconfigurada por Marta Moura (Lisboa, 1978) no trabalho apresentado na sua primeira exposição individual na Galeria Caroline Pagès. Em “Limite”, são apresentados três núcleos de trabalhos, todos acrílicos sobre tela ou papel. O conjunto intitulado *Acidentes e Desastres* retrata, num fiel processo de reprodução, viaturas após violentas colisões – a procura de uma imagem-síntese da transposição de um determinado limite, do limiar de uma experiência, recorre a uma situação de negação de imagem (ausência de imagem, destruição, e

morte). Noutras duas salas, são apresentados trabalhos da série intitulada *Lixo*, que se concentra na representação, numa escala (quase) de 1:1, dos detritos, do esquecido, do rejeitado, daquilo que sobra da nossa vivência quotidiana. Em *Lixo* (*Natureza Morta II*), a artista ensaia um modelo de instalação com as sete telas que perfazem a peça, colocando-as directamente no chão, apoiadas entre si e a parede – remetendo para a organização original do referente: o acumular

do lixo nas ruas. Estes dois blocos seguem processos de trabalho equivalentes: o isolamento dos elementos, o cenário de fundo substituído pela superfície da tela branca, condicionando o nosso olhar para um determinado momento, imagem, ou informação que nos circunda mas que nos habituámos (e seria possível de outra maneira?) a desconsiderar.

Em 2007, na Sala do Veado, a artista apresentou o resultado da sua tese de Mestrado em Pintura, *O Insustentável Peso da Imagem* (2007), um impressionante tríptico de enormes dimensões (próximo das dimensões de um *billboard*) repleto de imagens editadas, de várias fontes; como um impossível *freezing*, de múltiplas *layers*, de um *zapping* entre vários canais de satélite... A tela *Limite* (2008), apresentada na actual exposição, pertence a esta mesma família, embora neste trabalho a congregação desta vastidão sensorial seja reduzida a um enquadramento com muito menor dimensão, perdendo a sua eficácia, precisamente, nesta abrupta desconfiguração da escala. No texto que acompanhava a exposição de 2007, a artista descreve como “o encontro com a pintura possui um efeito regenerador: devolve sentido às imagens reanimando-as, conferindo-lhes um novo poder, um novo encantamento”; procurando sintetizar, no seu discurso, a urgência em valorizar uma outra durabilidade da nossa vivência através do exercício persistente da pintura +

Marta Moura

“Limite”

Galeria Caroline Pagès

Lisboa

Até 13 Setembro

CRÍTICA